

CRECHE: DILEMAS E CONTRADIÇÕES NA CONCEPÇÃO DE PROFESSORES

Vanessa Helena Seribelli¹, Cinthia Magda Fernandes Ariosi²

¹Mestranda em Educação na Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente, SP. Professora colaboradora do Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente, SP. E-mail: vanessa_seribelli@hotmail.com

²Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília, SP. Professora assistente doutora da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente, SP.

RESUMO

Este trabalho surgiu a partir de debates realizados em uma das disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP de Presidente Prudente. Haja vista que grande parte dos mestrandos e doutorandos que realizam a disciplina são professores, mais especificamente, professores de educação infantil, eles foram os sujeitos investigados na pesquisa. As discussões e leituras realizadas permitiram delinear o objetivo principal deste trabalho que é apresentar alguns dos dilemas e contradições presentes no universo educacional da creche, no tocante à identidade docente que por consequência causam nos professores inúmeras tensões. A metodologia buscou envolver os participantes por meio de diálogos, coleta de depoimentos e observações realizadas durante cinco semanas. A guisa de conclusão, inferimos que os professores de creche têm demonstrado insatisfação com a carreira a partir de vários argumentos apresentados no texto.

Palavras chave: Identidade Docente. Creche. Professores. Dilemas. Contradições.

CARE CENTER: dilemmas and contradictions in teacher conception

ABSTRACT

This work arose from debates held in one of the disciplines of the Graduate Program in Education of UNESP of Presidente Prudente. Since most of the masters and doctoral students who carry out the discipline are teachers, more specifically, nursery school teachers, they were the subjects investigated in the research. The discussions and readings allowed us to delineate the main objective of this work, which is to present some of the dilemmas and contradictions present in the educational universe of the day care center, regarding the teacher identity that consequently cause teachers tensions. The methodology sought to involve the participants through dialogues, testimony collection and observations made during five weeks. As a conclusion, we infer that day care teachers have shown career dissatisfaction from the various arguments presented in the text.

Keywords: Teaching Identity. Nursery Teachers. Dilemmas. Contradictions.

INTRODUZINDO A DISCUSSÃO

Grandes conquistas foram alcançadas no campo da primeira infância. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9394/96, começou-se a olhar com mais atenção a educação infantil, compreendida pelas creches e pré-escolas. Entretanto, as pré-escolas, em termos históricos, sempre foram mais reconhecidas por seu caráter educacional do que as creches. Esse é um desafio imposto aos educadores na atualidade, compreendê-las como instituição educativa, ou seja, local destinado a proporcionar o desenvolvimento integral da criança, que envolve a indissociável tarefa de cuidar e educar.

Do ponto de vista pedagógico o reconhecimento legal das creches como primeira etapa da educação infantil foi um grande progresso, uma vez que a criança de 0 a 3 anos passa a ser concebida a partir de suas especificidades e em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social. No entanto, esse binômio *cuidar/educar* exige do professor de creche uma postura de respeito pleno às crianças, no âmbito dos cuidados e da formação pedagógica, o que significa dizer que

(...) este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla do profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve (BRASIL, 1998, p. 41)

Esse novo perfil de creche institui ao professor que trabalha com as crianças de 0 a 3 anos de idade, atribuições similares aos professores de outros níveis de ensino, no que concerne a tarefas burocráticas e institucionais, no entanto, a prática os diferencia em variados aspectos, influenciando diretamente na construção de sua identidade profissional.

Para iniciar a discussão sobre a identidade profissional dos professores de creche, é necessário que se aborde a maneira como essa profissão tem se constituído com o passar dos anos, o que não é tarefa fácil, pois é um processo que ainda se encontra em construção.

O trabalho na educação infantil, principalmente nas creches, é algo historicamente desenvolvido por mulheres. Segundo Oliveira (2007), o modelo materno de cuidado e educação da criança pequena não reconhece a exigência de profissionalização, então as exigências impostas ao profissional desse nível educacional sempre foram mínimas. Por outro lado, espera-se que esse professor tenha algumas habilidades, como: paciência, capacidade para expressar afeto e domínio com crianças. Complementando essa questão, Montenegro (2005) ressalta que, em uma cultura marcada por uma concepção assistencialista de atendimento à criança pequena, as mulheres são vistas como naturalmente habilitadas para cuidar e educar, negando com isso a necessidade de treinamento específico para o desempenho de tais tarefas.

A identidade profissional, então, não pode se dar independente da identidade pessoal dessas professoras, que se constituíram mulheres dentro de uma sociedade que desvaloriza o sexo feminino desde os tempos mais primórdios. A intenção não é discutir a questão de gênero neste trabalho, no entanto é preciso destacar que as características mais atribuídas à professora de creche estão intrinsecamente ligadas à imagem tradicional de mulher doce, com características maternas, que trabalha por dom e por amor. Nas palavras de Louro (1997, p. 78)

(...) o magistério passa a ser representado também como uma forma extensiva da maternidade. Em outras palavras, cada aluno ou aluna deveria ser visto como um filho ou filha espiritual. A docência assim não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la.

Assim, estudiosos como Alves (2006) e Gomes (2005) contribuem para a ideia de que o magistério é um sacerdócio, realizado por vocação e sem interesses materiais.

A origem da creche está calcada na visão assistencialista, com foco nas questões básicas de

saúde, higiene e alimentação, o que colaborou para a “feminização” da profissão da professora de creche. A função de substituta da família e da mãe atribuída à creche construiu uma polaridade entre a atuação da professora e as funções maternas, levando à mistura de papéis (ALVES, 2006).

Ainda em relação à identidade docente, para Lima (1996) o saber é um elemento central do sentimento da identidade do professor. Desta forma, o autor, baseado em Bourdieu (1976 apud LIMA, 1996), afirma que o capital cultural dos professores é o mais importante para a sua posição social. A desvalorização da docência, segundo o autor, se deu também através de outras duas vias, a necessidade do aumento de números de professores que teve como consequência o aligeiramento da formação para atender a demanda, a diminuição da qualidade cultural dos professores e o aumento do nível da instrução da população, que fomentou entre os pais de alunos a dúvida sobre a competência dos professores.

Ainda de acordo com Lima (1996), a relação com o saber faz com que haja uma hierarquização interna na profissão docente, na qual os professores universitários ocupam o topo do prestígio por sua relação com o saber geral, enquanto os professores da educação básica ocupam a base da pirâmide, haja vista que não se valorizam as técnicas pedagógicas. O autor afirma ainda que podemos observar essas relações hierárquicas nas universidades, onde os cursos voltados para área da educação são oferecidos em faculdades de menor prestígio ou são desvalorizados no interior da faculdade.

Outra questão, é a imagem pública do professor que está estereotipada, manchada pelo senso comum de que ensinar não é uma tarefa difícil e pode ser exercida por qualquer profissional, principalmente na creche. Lima (1996) amparando-se em Ranjard (1984 apud LIMA, 1996) aponta três perdas significativas que contribuem para o chamado mal-estar docente: a perda do privilégio do tempo, a perda da estabilidade do emprego e a mais profunda, a perda da identidade. De acordo com Nóvoa (1987 apud LIMA, 1996) encontra-se aqui uma das causas do mal-estar que acomete os professores, os quais, para além de terem perdido o sentido da irredutibilidade pedagógica, se viram confrontados com a necessidade de desempenharem inúmeras funções, novas e contraditórias, sem que tivessem meios para clarificar e decidir sobre a especificidade do seu papel profissional. A tensão e o aumento das funções também têm aumentado gradativamente o número de professores doentes em diversos países. Os problemas que assolam os profissionais de educação não parecem algo novo e estão ligados ao processo histórico de desvalorização dessa profissão. O que nos preocupa enquanto pesquisadoras é o contínuo desgaste ante as insatisfações, presentes na fala dos professores de creche. Buscaremos então identificar alguns dos dilemas e contradições que afligem esses docentes na contemporaneidade.

COM A FALA: OS PROFESSORES E OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A pesquisa foi desenvolvida com um grupo de professores de educação infantil, regularmente matriculados no programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp, campus de Presidente Prudente. A coleta de dados foi realizada por meio de grupos focais, coleta de depoimentos, observações e registro dos discursos produzidos durante uma disciplina ofertada pelo PPGE-Unesp/PP. Os dados obtidos possibilitaram a discussão sobre as problemáticas presentes no cenário educacional com os professores participantes. Foi possível perceber que os professores de creche, são os profissionais mais marcados pela desvalorização da profissão, se comparados com professores de outros níveis de ensino. Ariosi (2015, p.2) nos mostra que

(...) os profissionais da creche frequentemente trabalham 40 horas semanais em contraposição aos professores de outros segmentos e tem um valor menor de salário e menos benefícios. Em várias realidades não tem direito as horas de atividades pedagógicas coletivas e livres, mas tem que cumprir as exigências de planejamento, execução e avaliação das ações desenvolvidas juntas aos seus grupos de crianças. Nesse contexto, os profissionais das creches sentem-se

desvalorizados e desmotivados, aspirando encontrar meios de acessar outros níveis de escolarização para trabalharem, abandonando as crianças de 0 à 3 anos que consideram um desprestígio.

Buscando entender os dilemas e contradições que assolam o cenário docente nas creches e os seus efeitos, elencamos os problemas que os professores participantes mais citaram: questão de gênero, diversidade de funções, baixa remuneração, tempo de trabalho, contradição consigo mesmo e o saber desvalorizado. A seguir faremos uma breve discussão sobre cada um destes temas.

Referente a questão de *Gênero*, segundo os discursos dos professores participantes, o fato de vivermos em uma sociedade patriarcal produziu uma representação social de que a profissão da professora de creche é feminina, por estar muito vinculada às funções maternas, em função do seu caráter de cuidado e de algumas atividades mais identificadas com a figura feminina. Segundo Minayo (1994), as representações sociais são imagens que as pessoas constroem sobre o real, na relação com o grupo social ao qual pertencem, na ação no espaço próprio daquela comunidade, sendo diferente de ações individuais, portanto verifica-se que as representações sociais referentes aos professores de creche estão pautadas na feminização da profissão, havendo em alguns casos a recusa de que um homem ocupe essa função, mesmo que devidamente habilitado.

Sobre a *Remuneração*, ao mesmo tempo em que o professor, por força da lei no Brasil, possui nível acadêmico acima da média, faz parte de um nível econômico relativamente baixo, quando comparado às outras profissões do mesmo nível. Sobre esse fato, uma das professoras participantes argumentou:

Não recebemos nem metade do que eu acho que deveríamos receber. São inúmeras crianças sobre nossos cuidados. A responsabilidade é muito grande. Fora o cansaço, porque tem cobrança de todo lado, da família, da gestão. O dia é corrido, a gente senta, levanta, brinca, leva ao banheiro, ensina. Esse monte de tarefas traz um cansaço físico e mental muito grande (Prof. 1).

Quanto à *diversidade de funções* curriculares e não curriculares, os professores alegam que houve um aumento delas, e que, além das funções educativas, precisam, cuidar, olhar para cada criança como um sujeito único, respeitando suas características específicas, atender aos pais, participar de reuniões, cumprir com o planejamento, zelar pelos alunos no horário do lanche, e em algumas instituições é responsável por acompanhá-los até o meio de transporte ao final da aula, entre outras tarefas.

É realmente um alargamento de funções. São cobranças da secretaria de educação e da própria escola, as festas que temos que organizar, as reuniões, a preocupação em relatar para os pais como foi o dia do filho, se comeu, se evacuou, enfim. É difícil se ver com tantas tarefas e sem reconhecimento (Prof. 2).

Porém, acredita-se que essa alegação demonstra quão equivocada ainda é a concepção de professor de creche no Brasil, uma vez que analisando as especificidades da função docente na creche, facilmente percebe-se que todas essas atribuições elencadas como uma sobrecarga de trabalho, na verdade compõem a especificidade da função docente para crianças de 0 a 3 anos. Campos (1994, apud VIEIRA, 1999, p.36), afirma que:

Se torna muito importante reconhecer quais são os objetivos que se deseja alcançar com a criança, pois eles orientarão as ações: se são os objetivos de cuidar e educar, a formação de seus profissionais deve também assegurar essas facetas, aliando as questões pedagógicas com as questões ligadas à higiene, alimentação e cuidados em geral (...) e ambas se relacionam às dimensões afetivas, ética e estética da prática educativa.

A análise destas percepções dos professores quanto a sobrecarga de trabalho leva-nos à uma reflexão sobre a adultização da escola, especialmente da creche. Segundo Montessori (1972, p. 23-24)

O adulto tornou-se egocêntrico em relação à criança; não egoísta, mas egocêntrico, porquanto encara tudo que se refere à criança psíquica segundo seus próprios padrões, chegando assim a uma incompreensão cada vez mais profunda. É esse ponto de vista que o leva a considerar a criança um ser vazio, que o adulto deve preencher com seu próprio esforço, um ser inerte e incapaz, pelo qual ele deve fazer tudo, um ser desprovido de orientação interior, motivo pelo qual o adulto deve guiá-lo passo a passo, do exterior. Enfim, o adulto é como o criador da criança, [...].

Muitas vezes, esse egocentrismo do adulto se traduz em uma organização da creche que além da desconsideração das crianças como pessoas “[...] ricas, fortes e poderosas [concebidas] como sujeitos únicos com direitos, em vez de simplesmente com necessidades [capazes de] relacionar-se com as outras pessoas e de comunicarem-se” (RINALDI, 1999, p. 114), também não as consideram como participantes do espaço *creche*. É facilmente perceptível que os horários são muitas vezes definidos em função da entrada e saída dos profissionais ou da necessidade dos pais, mas a criança não é pensada nesse momento. As rotinas cotidianas na creche também não são estabelecidas pensando nas necessidades diretas das crianças, um bom exemplo é que todas têm que comer e dormir no mesmo horário. Em especial os bebês, que ainda não possuem um horário muito definido para satisfação de suas necessidades básicas, são submetidos a regras arbitrárias.

Outro fator apontado pelos participantes é o fato de que em consequência da baixa remuneração, o professor é forçado a trabalhar mais de um período, não tendo tempo para planejar suas aulas com qualidade, em especial os professores de creche, que normalmente tem um rendimento salarial menor que dos demais. Neste ponto, salienta-se que, no nosso entendimento, existe mais um equívoco, pois na creche o planejamento assume outra dimensão que em relação aos outros segmentos, devido as especificidades da educação de crianças pequenas, não havendo uma necessidade tão intensa de documentos, mas há sim uma necessidade fortemente negligenciada da realização de uma observação atenta e cuidadosa da criança e de seu respectivo registro. No *October Study Group* em Reggio Emilia, Calliari (1999) disse: "A observação, a interpretação e a documentação são a estrutura do trabalho dos professores também com os bebês; essas ações não são definitivas e não estão destinadas somente aos grandes projetos". Porém, os professores imbuídos de uma cultura tecnicista de educação, frequentemente apresentam esse tipo de manifestação em relação ao planejamento e não mencionam a importância da observação e registro.

Os depoentes apresentaram um sentimento que Lima (1996) denomina de *contradição consigo mesmo*, em relação ao sistema educacional ao qual pertence, onde muitas vezes, desempenha a tarefa de mero executor de propostas elaboradas por outrem. Sentem-se muitas vezes obrigados a cumprir ações que são contrárias àquilo que acreditam como profissional da educação.

Outro dilema apresentado é o *saber desvalorizado*, ou seja, há uma série de fatores que segundo os participantes da pesquisa favorecem essa desvalorização do saber. Alguns exemplos foram elencados por eles: a) A expansão dos cursos de pedagogia, fator que contribuiu para que o acesso ao diploma fosse considerado algo fácil de se conquistar; b) O aligeiramento da formação, que confere a pedagogia o caráter de saberes do senso comum, tirando o aspecto da necessidade de saberes específicos para trabalhar com crianças pequenas; c) A formação dos pais dos alunos, que muitas vezes é igual ou superior à do professor, dando certa autonomia para que questionem o trabalho realizado com seus filhos, ainda que não sejam profissionais da educação; d) O desprestígio na sociedade, uma vez que é a profissão em que mais se vê pessoas de outras áreas

opinando e participando da tomada de decisões e a falsa ideia de que na creche as crianças vão apenas para serem cuidadas.

Todas as situações supracitadas fazem parte do cotidiano destes professores, acarretando numa série de tensões que geram como consequências uma diversidade de doenças, a insatisfação com a profissão e, muitas vezes, a desistência do magistério. Conforme nos mostra Farber (2001), os professores sentem-se fisicamente e emocionalmente exaustos, apresentam-se irritados, ansiosos e com tristeza profunda. Corroborando com esse pensamento, segundo Esteve (1999), frente à sobrecarga de trabalho, o absenteísmo tem sido cada vez mais comum, isto é, o professor termina por recorrer às licenças médicas que possam interromper temporariamente seu trabalho. O professor passa a investir menos energia em suas tarefas, apega-se a rotina e assume uma rigidez na relação com seus alunos, chegando mesmo ao abandono da profissão, doenças mentais e dificuldades na atuação profissional. No caso da creche, essa situação fica ainda mais robusta, uma vez que as vagas para professores deste segmento são sempre em maior quantidade, devido a relação criança/adulto sugerida pelos documentos oficiais do Ministério de Educação. Assim, muitos professores que encontram-se em situação de desemprego, acabam optando por concorrer e assumir uma vaga na creche, mesmo que não seja seu desejo.

REFLEXÕES E APONTAMENTOS

Vários fatores responsáveis pelos dilemas e contradições presentes na profissão do professor de creche foram pontuados no decorrer da pesquisa. Pode-se assim inferir que a desvalorização desses profissionais é resultado de um processo histórico que abrange desde a feminização do magistério até a remuneração que, em muitos lugares, como nos mostrou Ariosi (2015), ainda não conquistaram a equiparação do piso salarial quando comparados aos docentes de outros segmentos.

Acreditamos que o trabalho realizado com as crianças de 0 a 3 anos evoluiu, haja vista que com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), a Educação Infantil se tornou a primeira etapa da Educação Básica, constituída por creches e pré-escolas que, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, são “[...] espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças” (BRASIL, 2013, p. 97). Dessa forma, o cuidado e a educação das crianças de creche devem acontecer concomitantemente, tendo o mesmo teor de importância para ambos. No entanto, esse binômio *cuidar/educar* não é tão simples quanto parece e exige que o professor desenvolva uma variedade de funções.

Rinaldi (2012) considera impossível formar ou ter um profissional que abarque tantas características distintas, e afirma que essa visão do professor como redentor da educação culmina na precarização das suas condições de trabalho, salários, além de aumentar a burocracia e o controle do Estado que, por consequência, dificulta o desenvolvimento do trabalho do professor.

Em especial na situação da creche, as crianças pequenas precisam de profissionais estáveis, fisicamente e emocionalmente, que com seu equilíbrio possam garantir às crianças um desenvolvimento saudável e tranquilo. Desta forma, considerando o mal-estar gerado com essas tensões e contradições da profissão docente na creche, acreditamos que o desenvolvimento infantil também é prejudicado, para além dos prejuízos já apontados para os próprios professores.

Propomos que se pense nos dilemas e contradições presentes na instituição educativa como algo que impulse, desacomode, que faça com que os professores de creche busquem novos recursos para lidar com a realidade que os permeia. Partindo da ideia de que as problemáticas do cotidiano são reais e inevitáveis, a nossa sugestão é que o professor de creche encare-as como crítica, como um trabalho de resistência e não apenas reproduza um discurso sem luta.

REFERÊNCIAS

ARIOSI, C. M. F. A formação continuada de professores de creche: uma experiência de construção da identidade. In: Jornada do Núcleo de Ensino de Marília, 14, 2015, Marília/SP. **Anais...** Marília: FFC/Unesp, 2015. Disponível em: <http://www.inscricoes.fmb.unesp.br/anais_completo.asp>. Acesso em: 10 mar. 2016.

ALVES, N. N. L. Amor à profissão, dedicação e o resto se aprende: significados da docência em Educação Infantil na ambiguidade entre a vocação e a profissionalização. In: Reunião Anual da Anped, 29, 2006. Caxambu, **Anais...** Minas Gerais, 2006. Disponível em:<<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT07-2570--Int.pdf>>. Acesso em 07 mai. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. In: **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**, Brasília: MEC/SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acesso em: 07 mai. 2017.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, v. 1, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2017.

CALLIARI, P. **The meaning of documentation in the infanttoddlers and pre-schools of Reggio Emilia**. Apresentação ao October Study Group em Reggio Emilia, Italy, 1999.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. São Paulo: EDUSC, 1999.

FARBER, B. **Crisis in educacion: stress and burnout in the American teacher**. São Francisco: Jossey-Bass, 2001.

GOMES, C. A. A escola de qualidade para todos: abrindo as camadas da cebola. **Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 48, p. 281-306, jul./set. 2005.

LIMA, Jorge M. Á. **O papel do professor nas sociedades contemporâneas**. Educação, Sociedade e Culturas, ano 96, nº 6, p. 47-72, 1996.

LOURO, G. L. Gênero e Magistério: Identidade, História e Representação. In: CATANI, D. B. (org.) **Docência, Memória e Gênero**. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

MINAYO, M. C. O Conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia Clássica. IN: JOVCHELOVITCH, Sandra, GUARESCHI, Predrinho (orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MONTENEGRO, T. Educação Infantil: a dimensão moral da função de cuidar. **Psicologia da Educação**, São Paulo, v. 20, p. 77-101, 2005.

MONTESSORI, M. **A criança**. Lisboa: Portugalia, 1972.

OLIVEIRA, Z. R. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

RINALDI, C. O currículo emergente e o construtivismo social. In: EDWARDS, C. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Trad. Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999, p. 113-122

RINALDI, R. P. Formação de professor e profissionalização: aspectos teóricos e contextuais. In: TREVISAN, C.L. (Org.) **Profissionalização**: Construção do conhecimento e da identidade docente. Curitiba: CRV, 2012. p. 33-48.

VIEIRA, L. M. F. A formação do profissional de educação infantil no Brasil no contexto da legislação, das políticas e da realidade do atendimento. **Pró-Posições**, Campinas, v. 10, n. 1(28), p. 28-39, mar. 1999.